

NOTÍCIAS DO FRONT

Canais do Brasil, Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha cobrem a guerra ao terrorismo oferecendo diferentes visões dos acontecimentos

Alexandre Maron
amaron@edglobo.com.br



Ao lado de armamentos, soldados rezam na província de Kunduz, no Afeganistão

Quando os Estados Unidos atacaram o Iraque em 1991, a TV paga ainda engatinhava no Brasil, e todos se informavam por meio dos canais abertos em busca de notícias. Exatos dez anos depois, quando acontece a campanha contra o terrorismo da aliança liderada pelos norte-americanos no Afeganistão, o espectador tem diversas opções de qualidade para acompanhar as notícias da guerra.

São cinco canais de notícias 24 horas na NET: a Globo News, a BBC World, as CNNs International e Español e o canal alemão Deutsche Welle. E cada um apresenta a guerra, embora com isenção, de um ponto de vista particular, ligado às suas raízes históricas e culturais.

A cobertura iniciada com os choques dos aviões contra o Pentágono e as torres do World Trade Center, no dia 11 de setembro do ano passado, se complicou nas semanas seguintes com a busca por Osama Bin Laden e os líderes do Al Qaeda, escondidos no Afeganistão. Os canais precisaram situar os espectadores em uma nova ordem política mundial.

"A Globo News refletiu esse novo momento nas relações internacionais. Demos o máximo de subsídios para que o assinante formasse sua opinião. Vários programas do canal analisaram os fatos desta guerra", explica Rosa Magalhães, diretora da Globo News.

Os canais de notícias em geral enfrentaram o desafio de informar e refletir sobre os acontecimentos. Assim, dedicaram praticamente toda sua programação a falar da guerra. Na opinião do professor Samuel Feldberg, do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da USP, a missão não é fácil.

"A TV sempre corre o risco de cair no simplismo. Mas os programas da Globo News são muito bons, com destaque para o do William Waack, o 'Painel', que traz análises diferenciadas e profundas.

Já a CNN acaba sendo superficial, porque o povo americano não entende os acontecimentos, não sabe nem onde fica o Afeganistão. A BBC, por sua vez, foi muito bem ao manter a neutralidade mesmo com o governo britânico aderindo à causa americana. Além disso, as análises da BBC são mais densas", analisa.

"A BBC é muito consistente. E a Deutsche Welle traz reportagens com o olhar diferenciado dos alemães", afirma Mário Andrada e Silva, diretor editorial da agência de notícias Reuters no Brasil.

"Nós trazemos nossa perspectiva dos assuntos internacionais", diz a editora Magdalena Metker, da Deutsche Welle, que, além do alemão, apresenta programas em espanhol e inglês.

O noticiário de guerra é sempre um esforço enorme para qualquer emissora que precisa se preparar para coberturas longas e complicadas. Canais internacionais como CNN e BBC World já tinham correspondentes no Afeganistão no dia do atentado, por conta de outras reportagens. A Globo News respondeu prontamente e conta com Pepe Escobar e Cristiana Mesquita.

"Estávamos no Afeganistão antes dos ataques com o jornalista Nic Robertson. Hoje temos, além dele, Christiane Amanpour, Ben Wedeman e Harris Whitbeck. São 85 pessoas, entre técnicos e repórteres", explica Eason Jordan, presidente de apuração global de informações da CNN.

A BBC World, por ser parte de uma re-



O correspondente Nic Robertson, da CNN, grava reportagem no Afeganistão

de global de TVs, rádios e sites, com repórteres no mundo todo, está sempre pronta. "Temos gente em tantos lugares quanto possível para estar perto da notícia", afirma o editor Steve Williams.

A desafio agora é estar preparado para os desdobramentos da guerra. São reuniões de cúpula modorrentas intercaladas por batalhas em campos inóspitos. O trabalho dos jornalistas tem sido difícil. No início de dezembro, oito repórteres de diversos países haviam sido assassinados.

Para Rosa Magalhães, da Globo News, a cobertura não muda. "O que muda a cada fato é a grade de programação. Ao acontecer um fato importante, amarramos tudo ao vivo, sem intervalos, com entrevistas, repercussões, análise. Isso é fazer jornalismo 24 horas", conclui.

"World News" • segunda a sexta, 21h; sábado, 20h; domingo, 23h • CNN

"Noticero CNN Internacional" segunda a sexta, 19h30 • CNN en Español

"Jornal das Dez" segunda a domingo, 22h • Globo News

"Painel", com William Waack sábados, 23h • Globo News

"World Focus" • segunda a sexta e domingo, 22h30; sábados, 20h30 • BBC World

"Journal" segunda a domingo, 20h • Deutsche Welle

"Europa Semanal" • sextas, 23h30 • Deutsche Welle

Na guerra na TV, quem sofre é a diversidade

Hélio Guimarães

Dizem que, na guerra, a primeira vítima é a verdade. Na guerra televisada, a diversidade também é das primeiras a capitular. Nos momentos mais agudos da crise internacional, os canais de notícias mostram homogeneidade nas coberturas, revelando a enorme concentração do controle sobre a informação. Mas, se a aparência é quase a mesma, as abordagens trazem diferenças sutis.

A CNN en Español tratava a guerra como "contraataque al terrorismo" e a CNN International alternava as vinhetas "Guerra no Afeganistão" e "Guerra contra o Terror", sugerindo a equivalência entre Afeganistão e ter-

ror. Já a BBC World falava na necessidade de reconstruir o país ao utilizar a vinheta "Batalha pelo Afeganistão", indicando a ênfase da televisão britânica nos esforços diplomáticos e humanitários em vez de mostrar a campanha como um revide aos ataques de 11 de setembro.

A alemã Deutsche Welle situa o Afeganistão no contexto geral da Ásia, do Oriente Médio e da Europa. Com abordagens mais, digamos, antropológicas, procurando compreender as populações árabes, não completamente reduzidas a uma massa inimiga.

Entre nós, a Globo News acrescentou pouco no que se refere à notícia

momentosa. O diferencial vem de debates e entrevistas com especialistas locais, que às vezes soa forçado dada a distância que separa o Brasil do teatro de operações. O canal de notícias 24 horas depende em grande parte do material que chega via agências internacionais.

No panorama em que impera a repetição, não surpreende que a revelação entre os canais noticiosos é a emissora Al-Jazeera, do Qatar, com seu acesso exclusivo aos "vilões".

Hélio Guimarães é jornalista, doutor em Teoria Literária pela Unicamp e ex-crítico de TV do jornal "Valor"